

A SÉRIE *SEXO E AS NEGAS* - DISCURSOS E OLHARES DIANTE DE UMA POLÊMICA

SERIES *SEXO E AS NEGAS* - DISCOURSES AND LOOKS FORWARD OF A POLEMIC

Aline Greice Vilela Costa¹
Fernanda Mendes de Oliveira²
Orientadora: Denise Maria Oliveira Zoghbi

RESUMO: Este artigo visa apresentar uma análise sobre amostras identitárias e discursivas. A partir disso, foram selecionados dois textos com diferentes perspectivas diante da série *Sexo e as Negas* exibida pela emissora de televisão Rede Globo. Os posicionamentos da análise são destacados na fala gravada pelo deputado Jean Wyllys e na postagem *Desabafo de um irmão nosso: Junior Zurc*. A referida série foi criticada mesmo antes de ser exibida em rede nacional e, durante sua exibição até dezembro de 2014, continuou sendo alvos de críticas. O título da série se apresentou como polêmico diante de representações dos movimentos negros por retomar a marca da hiperssexualização da mulher negra. Além disso, os personagens são apresentados em condições subalternas, enfatizando estereótipos que são reproduzidos nos espaços midiáticos. O programa também traz à tona a reflexão sobre a interação conflituosa entre aquele que o idealizou e aqueles que foram representados por ele, suscitando a temática do papel do intelectual no seu lugar hegemônico de fala que ratifica o silenciamento de grupos subalternizados. Para um estudo dos posicionamentos colocados nesse trabalho, utilizamos a Análise do Discurso Crítica (ADC), a Linguística Aplicada (LA) e os Estudos Culturais. Os diálogos possíveis que podem ocorrer entre essas duas áreas de estudo perpassam a condição da linguagem enquanto práticas sociais e as identidades enquanto fenômenos interativos.

Palavras-chave: Representações identitárias e discursivas. Análise do Discurso Crítica. Linguística Aplicada.

ABSTRACT: This article presents an analysis of identity and discursive samples. From this, we selected two texts with different perspectives before the series *Sexo e as Negas* displayed by the television station Globo. The positions of the analysis are highlighted in the recorded speech by deputy Jean Wyllys and posting *Desabafo de um irmão nosso: Junior Zurc*. That series was criticized even before it is displayed on national television and during its display until December 2014 continued to be targets of criticism. The title of the series appeared as controversial on representations of the black movements to resume the mark of hypersexualization of black women. In addition, the characters are presented in subordinate conditions, emphasizing stereotypes that are reproduced in media spaces. The program also brings to the fore the debate on the conflicting interaction between one who conceived and those who were represented by him, raising the issue of intellectual's role in its hegemonic place of speech ratifying the silencing of subordinate groups. For a study of the positions put this study, we used the Critical Discourse Analysis (CDA), the Applied Linguistics (AL) and the Cultural Studies. The possible dialogues that can occur between these two areas of study underlie the condition of language as social practices and identities as interactive phenomena.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (UFBA). E-mail: linevilelac@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (UFBA). E-mail: mendes.fern@gmail.com

Keywords: Identity and discursive representations. Critical Discourse Analysis. Applied Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, de cunho qualitativo e interpretativista, objetiva analisar os posicionamentos discursivos assumidos em dois textos selecionados que trazem à tona o debate sobre as questões identitárias que envolvem uma série exibida em um canal aberto da televisão brasileira. O primeiro texto diz respeito à fala gravada pelo deputado Jean Wyllys em relação ao programa *Sexo e as Negas*, idealizado pelo diretor Miguel Falabella. O segundo se refere à postagem *Desabafo de um irmão nosso: Junior Zurc*, retirado do site *Facebook*, na *fanpage Boicote Nacional ao programa "Sexo e as negas" da Rede Globo*.

Para tal, utilizamos como suporte teórico a Linguística Aplicada (RAJAGOPALAN, 2003; MOITA LOPES, 2006), a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2008; RAMALHO e RESENDE, 2011) e os Estudos Culturais (SPIVAK, 2010; HALL, 2003; HALL e WOODWARD; 2009). Predominantemente documental, a pesquisa demandou uma perspectiva sincrônica de estudo, com foco num tempo de curta duração (de setembro a dezembro de 2014), viabilizada pela coleta de material em meio digital. Buscamos delimitar uma seleção representativa, mas não muito ampla, permitindo uma investigação com mais profundidade na prática da leitura.

A fala de Wyllys (INF. A), apresentada no vídeo³, possivelmente, foi elaborada em uma situação controlada, visando alcançar os objetivos da campanha em apoio ao programa, intitulada *Eu Amo Sexo e as Negas*. No site em que o vídeo foi disponibilizado, não é possível encontrar espaço para que outras pessoas exponham sua opinião, pois os comentários foram desativados pelos administradores do canal.

Em contrapartida, o desabafo de Zurc (INF. B), enquanto um dado informal, permite o acesso à maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre aquilo que consideram importante. Além disso, o site de relacionamento *Facebook* permite curtidas e comentários de outras pessoas, possibilitando uma visualização da interação entre

³ Para a análise realizada neste artigo, o vídeo foi transcrito de acordo com a Chave de Transcrição do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* da Universidade Federal da Bahia, coordenado pelo professor doutor Dante Lucchesi.

interlocutores sobre a situação analisada⁴. Os dados selecionados foram significativos, na medida em que possibilitaram conhecer as redes de práticas sociais envolvidas na problemática estudada.

Os dois textos selecionados levaram em consideração dois posicionamentos discursivos contrários, a fim de que fossem pontuados aspectos referentes à repercussão da estreia, exibição e possível continuação da série, tendo como base a polêmica em torno da fala do deputado Jean Wyllys, ativista de causas de grupos minoritários.

Com base em pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso Crítica (ADC) e da Linguística Aplicada (LA), que entendem a linguagem enquanto prática social marcada por caráter relacional e dialético (FAIRCLOUGH, 2008; RAMALHO e RESENDE, 2011), buscamos problematizar alguns aspectos ideológicos que os sentidos dos textos, como instâncias discursivas, poderiam ter sobre relações sociais, ações e interações, entre pessoas que se mostraram contrárias e favoráveis ao programa. Assim, os estudos em LA, pela sua característica de natureza atrelada às questões sociais - para “a resolução de problemas de uso da linguagem”, e “em problemas de uso da linguagem enfrentados por participantes do discurso no contexto social” (MOITA LOPES, 1996, p. 19) -, conseguem se relacionar, de forma colaborativa, aos estudos em ADC.

O debate sobre a representação da mulher negra na mídia televisiva, mais especificamente no programa *Sexo e as Negas*, é uma questão que envolve diretamente o uso da linguagem, atrelando as discussões acerca do racismo e do sexismo, também associadas às questões identitárias. Nesse sentido, “[...] o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como modo de ação historicamente situado, que tanto é construído como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 26). Dessa maneira, torna-se importante refletirmos sobre a problemática, pois considerável parcela da sociedade brasileira é diretamente exposta aos programas televisivos, o que, de certa maneira, poderá influenciar ou intensificar determinados comportamentos sociais.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA POLÊMICA

O programa *Sexo e as Negas* é uma série de televisão produzida pela Rede Globo e exibida entre 16 de setembro a 16 dezembro de 2014. Inspirada no seriado norte-americano

⁴ O trabalho, entretanto, não trará esses comentários para a análise.

*Sex and the City*⁵, mostra a vida de quatro amigas moradoras da comunidade Cidade Alta, que fica no bairro Cordovil, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. São mulheres negras em atividades de baixa renda – cozinheira, costureira, camareira e operária – que têm seus cotidianos apresentados a partir da narração de outra personagem, chamada Jesuína, proprietária do bar que as amigas frequentam, e também da rádio local.

Em oposição à eminente estreia do seriado, diversas críticas começam a circular em sites na internet, vindas de intelectuais, militantes dos movimentos negros e ativistas feministas. As pautas se referiam, a princípio, ao próprio título da série, que já trazia um campo lexical associado ao estereótipo da mulher negra e sua sexualidade, e, posteriormente, ao conteúdo e às histórias das personagens. À medida que as informações mais detalhadas se tornavam públicas, aumentavam as discussões e as divergências entre a produção do programa e os grupos que acusavam o seriado de racismo e sexismo. No site de relacionamentos *Facebook*, um grupo de militantes organizou um boicote à nova série de TV. Com o título de *Boicote nacional ao programa Sexo e as Negas da Rede Globo*, que conta com mais de 32 mil curtidas, a página diz que seu objetivo é criar uma mobilização contra o programa e refletir sobre a representação da mulher negra na mídia televisiva.

A *fanpage* foi criada antes da estreia do programa, em setembro, mas conta com publicações até dezembro de 2014. Entre as postagens, destacam-se algumas declarações de pessoas anônimas se posicionando contrárias à exibição da série. Destacaremos neste trabalho, para uma breve análise do discurso sob o viés da ADC, um texto publicado no dia 06 de dezembro de 2014, com o título de *Desabafo de um irmão nosso: Junior Zurc*. A página não menciona dados sobre o seu autor, apenas o nome *Junior Zurc*, que parece um apelido. Não traz nenhum endereço ou dado que leve o leitor a identificá-lo de maneira mais específica. Entretanto, acreditamos que o texto representa um olhar sobre a série com o qual os organizadores da página se identificam, e, portanto, postaram-no em sua *fanpage*, e tiveram apoio daqueles leitores que curtiram a postagem. O próprio título leva a uma identificação entre o autor desconhecido, chamado de Júnior Zurc, e os administradores da página, quando se refere a ele como *um irmão nosso*.

No intuito de rebater as críticas negativas, foi criada uma campanha, também no *Facebook*, intitulada *Eu Amo Sexo e as Negas*, que conta também com uma página no site

⁵ Baseada no livro homônimo da escritora Candice Bushnell e narrada por uma das quatro personagens, a série mostra a vida de quatro amigas solteiras e bem-sucedidas de Nova York, esboçando os lugares e papéis desempenhados pela mulher na sociedade contemporânea.

YouTube com o nome de *Falabella E as Negas*. Essa página reúne vídeos com depoimentos de vários artistas, músicos, atores e personalidades negras, dos quais a maioria possui alguma ligação direta com a Rede Globo ou com o diretor Miguel Falabella, se posicionando publicamente em defesa do seriado *Sexo e as Negas*. Entre essas pessoas, Jean Wyllys (INF. A) gerou muita polêmica, com a sua fala postada na página em 17 de novembro de 2014, que também será analisada neste trabalho. Jean Wyllys é um brasileiro, nascido na cidade baiana de Alagoinhas, jornalista, professor universitário e político. É conhecido por ser o vencedor da quinta edição do programa *Big Brother Brasil*⁶, da Rede Globo, em 2005. Em 2010, foi eleito deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) do Rio de Janeiro e, nas eleições de 2014, foi reeleito como um dos candidatos mais votados no país⁷.

A escolha da sua fala para esse trabalho é consequência da ampla divulgação de seu vídeo e de sua rápida repercussão nas redes sociais, que foi alcançada com a marca de mais de 13.000 visualizações no canal *Falabella E as Negas* do site *YouTube*. O posicionamento do referido deputado surpreendeu, porque, assim como outras personalidades, carrega consigo um histórico de representação e luta de causas LGBTs⁸, movimentos sociais e das ditas minorias.

Assim, sua fala repercutiu não somente como uma declaração de admiração por *Sexo e as Negas* e seu diretor, mas também por criticar a mobilização dos movimentos sociais que protestaram contra a série. As críticas a ele partiram, sobretudo, de grupos de defesas dos direitos afro-brasileiros e feministas, e por lideranças de seu próprio partido, por suas declarações de apoio ao programa.

Acreditamos que a polêmica em torno da série foi reforçada, pois a questão racial assumiu, nos últimos anos, uma importante dimensão cultural, política e ideológica, no Brasil, a partir dos debates públicos que têm sido cada vez mais ampliados nos meios de comunicação atuais, sobretudo nas redes sociais via internet. Diversos grupos de movimentos negros começaram a se organizar e suas ações no intuito de combater o preconceito racial passaram a ser difundidas. Não é um debate recente, mas fruto de muitas discussões anteriores. Medidas governamentais passaram a ser implantadas frente à pressão desses grupos por inclusão da população negra. Como exemplo, é possível citar a Constituição de

⁶ Popular *reality show* em que um grupo de pessoas fica confinado sem contato com o mundo exterior. Os participantes ficam confinados dentro de uma casa, na qual devem tentar permanecer até o último dia, quando a audiência escolherá, por meio de voto, quem será o vencedor do grande prêmio final.

⁷ Informações retiradas no site oficial do candidato na internet. Disponível em: <<http://www.jeanwyllys.com.br/wp/>>.

⁸ Sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Simpatizantes.

1988 que classifica o racismo como crime, a lei sobre a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira (Lei nº 10.639) e a lei das cotas (Lei nº 12.711/2012) para estudantes negros e de baixa renda, entre outras.

Outro espaço social que tem sido pressionado é o televisivo, sobretudo a teledramaturgia. Especificamente no Brasil, as novelas são responsáveis por influenciar atitudes e modismos. Estudos como o de Araújo (2004) mostram que a imagem dos negros nas novelas, em que aparecem, sempre foi estereotipada, salvo as exceções que só vieram aparecer na década de 1970, em que começaram a escalar mais atores negros, inclusive com o primeiro personagem negro de classe média. Uma rápida análise do histórico das novelas transmitidas pelas emissoras mostra que, poucas vezes, os negros aparecem e, na maioria das vezes em que integram o elenco, estão em papéis secundários e sem importância, tanto que não chegam a serem citados nos resumos das tramas, exceto quando se trata de escravidão. A teledramaturgia, enquanto ficção, é responsável pela construção da realidade no imaginário do público, o que influencia na construção de identidades sociais. Os grupos negros, entretanto, acreditam que a teledramaturgia pode ser um espaço para que a população negra busque certo reconhecimento e mostre que tem potencial, apesar de não se encaixar no perfil considerado padrão pela sociedade. Porém, os papéis destinados, na maioria das vezes, a esses atores e atrizes podem passar para a sociedade estereótipos, inclusive, influenciando os preconceitos.

Lima (1996) irá fazer o seguinte questionamento:

Comente os profissionais da mídia dizem que ela retrata a realidade social do Brasil e que se os negros não estão na publicidade e se ocupam papéis subalternos na ficção e TV é porque esta é a sua situação na sociedade brasileira. Seria isso uma verdade? Os produtos da mídia, como a telenovela, a publicidade, são realmente retratos fiéis da realidade? (LIMA, 1996, p. 59)

Nesse sentido, os discursos que aparecem no texto de Junior Zurc e no vídeo de Jean Wyllys são representativos e passíveis de serem analisados a partir do entendimento da linguagem como práticas sociais. No que toca às práticas sociais, essas são “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos - materiais ou simbólicos - para agirem juntas no mundo” (CHOULIARAFI E FAIRCLOUGH, 1999, p. 21 apud RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 35).

2 ANÁLISE DOS TEXTOS

Para a análise dos textos selecionados neste artigo, escolhemos alguns fragmentos para ampliar uma reflexão sobre os discursos que podemos identificar como amostras nesses contextos de uso da linguagem.

No início da exibição do vídeo, aparece uma legenda com a descrição de Wyllys (INF. A): “Jean Wyllys (Deputado Federal/ Escritor/ Jornalista/ Professor)”⁹.

Podemos perceber que há uma ênfase nas suas múltiplas atividades profissionais, todas relacionadas a certo grau de intelectualidade, o que, de certa maneira, torna a sua fala um discurso de autoridade.

Entendemos que a pós-modernidade tem provocado mudanças tanto na natureza e no funcionamento das instituições sociais quanto na subjetividade dos sujeitos. Salientamos que os deslocamentos que a pós-modernidade tem provocado na concepção de identidade, vista não mais como uma categoria estável, garantida a priori, predeterminada seja pela tradição, pela biologia entre outras, entretanto, como construto, negociação e reivindicação realizada pelo indivíduo por meio de uma narrativa do eu, são cruciais para a concepção de linguagem, de ciência e de subjetividade na atualidade. Como foi discutido por Stuart Hall (2006, p. 13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Corroborando a ideia das identidades e suas mudanças, Kanavillil Rajagopalan diz que as mesmas estão em “permanente estado de transformação, de ebulição”, “[...] constantemente reconstruídas”, “[...] adaptadas e adequadas às novas circunstâncias” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71).

Dessa maneira, é a partir da atenção oferecida aos usos que os falantes fazem da linguagem cotidiana, no contexto reflexivo da sua atividade social na pós-modernidade, que é possível delinear uma reflexão sobre o sujeito que já não é mais o senhor de si, mas alguém que vive na inconstância, obrigado a fazer escolhas continuamente de suas ações. Nesse sentido, é possível analisarmos os embates que o posicionamento do deputado Wyllys gerou a nível nacional.

Em contraposição a fala do deputado e à referida série, Junior Zurc, em seu desabafo postado na página *Boicote nacional ao programa Sexo e as Negas*, assim se define: “Eu, homem negro, brasileiro, baiano e soteropolitano, sei tudo que passei e passo dentro do

⁹ Nos primeiros segundos aparece uma legenda o identificando. Esse trecho não se encontra descrito no anexo, pois não faz parte da fala do deputado.

contexto pacote racista e discriminatório do meu país, só sabe quem passa, quem sente” (INF. B; l. 11-13). Ele fala de um lugar social enquanto alguém que faz parte do grupo representado pela série. Além disso, a marca nacional e regional predomina em sua descrição, talvez numa tentativa de demonstrar que a problemática é algo presente na sócio-história do Brasil, e não apenas um caso isolado.

Muitos membros dos movimentos negros se colocaram completamente contra o fato de Falabella, um homem branco, falar sobre o ser negro no Brasil¹⁰. Essa discussão traz à voga o questionamento de se somente as minorias podem falar sobre as minorias, por fazerem parte de seus respectivos grupos e vivenciarem a experiência de exclusão e subalternidade. Wyllys destaca entre “os autores de teledramaturgia brasileiros”, Miguel Falabella, como alguém “genial”, um “cara com um repertório cultural incrível” (INF. A, l. 8-9). Dessa forma, Wyllys apresenta Falabella como é possível verificar no excerto a seguir:

[...] entre os autores de teledramaturgia brasileiros, eu gosto especialmente do Miguel Falabella. É... acho o Miguel Falabella genial, um cara com um repertório cultural incrível, com inteligência, um cara que se desdobra nas artes vivas, no teatro, né, no teatro de musical. Um cara que também já foi pro cinema, já frequentou o cinema. Acho Miguel um cara genial. (INF. A, l. 7 – 12).

Ainda que tenham sido boas as intenções de Falabella ao criar um programa, esse não passou pelo crivo daqueles que estavam sendo representados. Almeida (2010, p. 12-13), em sua apresentação sobre a obra de Spivak, assim alerta para: “[...] o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro.”

Spivak (apud ALMEIDA, 2010, p. 13-14) irá definir que subalterno se refere às “camadas sociais mais baixas constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” Para Spivak (2010), nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja imbricado no discurso hegemônico, questionando assim a própria figura do intelectual. Nesse contexto, muitos negros questionam o porquê de alguém de fora do movimento se colocar como porta-voz de suas próprias demandas e, sobretudo que tipo de representações identitárias vem sendo vinculada a eles.

Assim, a interação social é marcada por conflitos identitários. Hall (2003) defende que as identidades são contraditórias, se cruzam ou se deslocam mutuamente. As contradições

¹⁰ Site do Portal Geledés. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/quando-um-homem-esfrega-teoria-na-nossa-cara-sobre-jean-wyllys-e-mulher-negra-que-ousa-falar/#axzz3NHWMB8qp>>.

atuam tanto externa quanto internamente, ou seja, nos sujeitos individuais e na sociedade. As paisagens sociopolíticas do mundo moderno são fragmentadas dessa forma por identificações antagônicas e deslocantes que podem ser reforçadas ou abandonadas. Segundo Woodward (2009, p. 9), “a identidade é relacional”, assim, para que ela exista é necessário que exista algo fora dela – outra identidade, uma identidade distinta. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2009, p. 9). Contudo, essa marcação de diferença traz problemas, uma vez que se sustenta pela exclusão.

Ambos os autores dos textos analisados irão construir sua fala direcionando-se àqueles que, por ventura, possam se identificar com o seu ponto de vista, e se opondo a posicionamentos divergentes. Wyllys, por exemplo, inicia sua fala dizendo: “Olá, vocês sabem que sou... é... roteirista, que eu gosto de teledramaturgia desde garoto, né? Desde menino, antes de minha casa ter tv, já assistia telenovelas, séries, minisséries, gosto bastante.” (INF. A, l. 1 – 3). Ele demonstra uma tentativa de se aproximar dos seus possíveis espectadores, como alguém que, para além do conhecimento intelectual, traz também experiências pessoais, não a identificação geográfica ou racial, como Zurc (INF. B, l. 11-13).

Zurc também traz em sua fala as marcas da influência histórica da televisão na sociedade brasileira para o grupo ao qual se identifica: “Então, 'A coisa'¹¹ começou a ser solta no ar, novamente o Brasil negro viu seu povo nos mesmos papéis, a parte do país branca também viu e o povo todo colorido também. São muitos anos assistindo (sofrendo) o mesmo [...]” (INF. B l. 14 – 17).

Para Zurc, a representação do negro continua inalterada: “São muitos anos assistindo (sofrendo) o mesmo [...]” (INF. B, l. 16-17). Ele se posiciona como se não tivesse mais tolerância para acompanhar e aprovar o que a série se propôs a exibir, expressando a ideia de que, para negros, assistir à televisão tem sido sinônimo de sofrimento. Wyllys, por sua vez, complementa seu raciocínio enfatizando que, em sua opinião, a teledramaturgia tem uma função social muito importante, não restrita somente à diversão, mas de uma ferramenta de reflexão política, como é possível verificar no trecho seguinte: “Acho que teledramaturgia não é só entretenimento, a teledramaturgia é... nos ajuda a refletir sobre nós mesmo, sobre nossas relações, sobre o país em que a gente vive. A teledramaturgia politiza a existência, né, tem uma função política” (INF. A l. 3 – 7).

¹¹ O termo que ele utiliza para fazer referência ao programa “Sexo e as Negas”.

Zurc enfatiza que o programa pode cumprir um papel social importante, quando diz que:

[...] acredito que poderia ter audiência, já que se trata de um assunto polêmico, válido, real, de um povo e situação que existe e que infelizmente foi produzido desastrosamente desta maneira. Basta, são muitos anos de invisibilidade e esculhambação gratuita (INF. B, l. 25 – 28).

Nesse sentido, a mídia atua como espaço em que as identidades contemporâneas, como a identidade negra, podem se modificar continuamente, inclusive para seu reconhecimento social. Nos sistemas de interpretação, segundo Jodelet (2001), as representações sociais regulam a relação entre os sujeitos e orientam o seu comportamento. As representações intervêm ainda, segundo a autora, em processos tão variados como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra e intergrupar, as ações de resistência e de mudança social.

Já nos fenômenos cognitivos, as representações sociais são consideradas como o produto de uma atividade de apropriação da realidade exterior e, simultaneamente, como processo de elaboração psicológica e social da realidade. Muitas vezes, a forma de partilhar a vida social acontece de formas convergentes, em outras pelos conflitos. Elas se fazem presentes nos discursos, trazidas pelas palavras, e veiculadas em imagens e mensagens midiáticas, cristalizadas em condutas e artefatos culturais (JODELET, 2001).

Sobre a atitude da mídia em colocar os personagens negros em lugares subalternos, a fala de Zurc (INF. B, l. 25-28) se posiciona e demonstra a sua insatisfação. Wyllys, por sua vez, se posicionou contrário às críticas que surgiram ao programa antes de sua estreia. Grupos de movimentos negros questionavam, inicialmente, o título da série que vinculava a mulher negra ao sexo. A ideia da promiscuidade é uma dessas características associadas às pessoas negras, sob os títulos que, por exemplo, relacionam a negritude com “a cor do pecado”. Em relação a isso, mulheres negras protestam e questionam, quando são reduzidas ao papel da mulata hiperssexual. Essa influência pode ser um risco para a construção da imagem da mulher negra, pois a forma estereotipada como ela é vista nas telenovelas pode interferir na construção de sua imagem real (LIMA, 1996).

Zurc estende a discussão em seu desabafo, quando fala sobre a questão da hiperssexualização de negros, sobretudo mulheres, nas novelas brasileiras. Ele defende que: “Para aquelas que são negras e que foram abusadas sexualmente por delinquentes neste país,

tudo isso que acontece na programação televisionada Brasileira é mais uma vez um novo estupro de sua alma já destroçada violentamente” (INF. B, l. 94 – 97).

Mais adiante ele irá questionar:

Será que ainda homem negro só dá audiência se for mostrando seus corpos musculosos acompanhados de pênis gigantes? E as mulheres negras só dão audiência se forem mostrando seus cabelos alisados e seus corpos e bundas fartas e hipersexualizadas? Ou é melhor colocar tudo isso junto com suas características naturais e tentar vender assim mesma na escrotidão? (INF. B, l. 113 – 118)

Há aqui uma tentativa de Wyllys em ratificar que Miguel Falabella não é alguém racista:

“[...] as pessoas foram pouco generosas com Miguel Falabella que é um cara que está longe, muito longe, muito longe mesmo de ser um racista, ao contrário Miguel Falabella sempre deu oportunidades para os atores negros no teatro e nas produções televisivas dele ou em que ele esteve envolvido” (INF. A, l. 24 – 28).

Percebemos o uso da repetição para intensificar dessa afirmativa: “é um cara que está longe, muito longe, muito longe mesmo de ser um racista” (INF. A, l. 25-26). Assim, o autor da série não pode ser considerado um racista, porque “sempre deu oportunidades para os atores negros” (INF. A, l. 27-28). Júnior Zurc, por sua vez, também acredita que Miguel Falabella não é racista, mas o mesmo não pode ser dito de sua obra, como percebemos no trecho a seguir: “Eu também acho que ele não é racista, mas, o produto que ele e a emissora dele lançou, é!” (INF. B, l. 35 – 36)

O tema se tornou interesse de grupos diversos em distintos ambientes sociais. Nos dois textos, é possível notar que existem ideias diferentes em relação ao diretor Miguel Falabella e a seu programa. Assim, Wyllys defende que o diretor não é racista, em contraposição, a grupos do movimento negro que acham que ele o é; já Zurc afirma que Falabella não é racista, mas a sua série é. É possível perceber que, como pontua Ramalho e Resende (2011), o discurso aqui pode ser entendido com um significado mais concreto, revelando modos de representar parte do mundo, de ver e entender a realidade à volta, as pessoas, as relações sociais e as lutas de poder.

Entender que Miguel Falabella sempre deu oportunidade para artistas negros em suas obras foi um ponto em especial que rendeu muitas críticas ao deputado federal. Zurc diz que:

Vi o vídeo e fiquei de saia justa, porque gosto do trabalho e posições do deputado federal. Mas, também não concordei com a posição dele para este acontecimento desastroso da globo e seu funcionário. Não acho que se trata neste caso de

oportunidade profissional para atores negros, não acho que seja uma oportunidade protagonista, como também não acho que seja a melhor forma ainda para se mostrar o que é fato em relação a discriminação racial centenária deste país.” (INF. B, l. 46 – 52).

Para Zurc, não é protagonismo falar sobre a discriminação aos negros quando essa é “colocada de forma ‘cômica’ para se entender/digerir melhor pela sociedade o contexto das agressões” (INF. B, l. 58 – 60). Zurc ainda ratifica o porquê de seu posicionamento contrário à exibição da série, que não é um problema localizado, mas sintomático da mídia televisiva no Brasil: “Minha repulsa a esta minissérie e tudo que se configura a programação da Globo e a televisão Brasileira aberta e fechada no país, é a falta da referencia positiva nunca vista, nunca respeitada, nunca dignificada, nunca profissionalizada para nós negros” (INF. B, l. 73 – 76).

Wyllys, por sua vez, irá confirmar seu pensamento ao dizer que:

Então, eu acho que a gente... as pessoas foram pouco generosas com ele e o que ele nos ofereceu é uma grande série. Uma série humorada, inteligente, com o roteiro incrível que dar espaço para quatro atrizes negras, talentosíssimas de musical, que são as protagonistas. Cada uma delas representa mais que um personagem, representa uma pessoa praticamente, uma nova representação dos negros na tv (INF. A, l. 28 – 34).

Para ele, a série em si cumpre a função social de trazer uma “nova representação dos negros na TV” (INF. A, l. 34), além de representar o bairro do Cordovil, subúrbio do Rio de Janeiro. É, portanto, uma forma de dar espaço àqueles que estavam “esquecidos” (INF. A, l. 35) e que ninguém fala. E, devido ao seu duplo papel social, o deputado se coloca favorável à continuação da série, outro tema polêmico que surgiu assim que findou o programa em novembro de 2014¹².

Independentemente de acreditarmos ou não se Falabella é racista, podemos perceber que, através de Wyllys, a representação do diretor genial, com um currículo incrível, que dá espaço a atrizes negras em suas produções denotam uma posição de poder: ao mesmo tempo ele pode exercer a sua generosidade, dando espaços, como também retirá-los. Sendo assim, estando inserido em um veículo midiático, precisamos pensar sobre a responsabilidade da emissora e de seus produtores em exibir representações de grupos sociais, sobretudo pautadas em estereótipos. Para Zurc, não existe uma nova representação, mas a fixação e perpetuação de uma imagem depreciativa dos negros brasileiros: “Basta, são muitos anos de invisibilidade e esculhambação gratuita” (INF. B, l. 27 – 28).

¹² Essa polêmica, entretanto, não será abordada nesse artigo.

Zurc continua mostrando que seu discurso e do grupo ao qual se identifica não se trata de algo sem fundamento, mas abalizado por todo um contexto sócio-histórico. Ele alerta que:

Para aquelas pessoas que dizem de cima de seus privilégios que o meu desabafo e o desabafo do grupo negro está com um discurso de vítima, dê uma olhada nos comentários do mesmo vídeo publicado para afrontar a posição do deputado federal e por consequência e bem sutil a luta verdadeira dos grupos negros, observem tudo que se diz e que foi dito durante estes três meses, vejam tudo que foi feito desde o descobrimento do Brasil até hoje 29/11/2014, analise seu argumento e depois me diga se realmente é vitimismo. (INF. B, l. 86 – 93)

Nesse trecho, é possível observar que seu vocabulário apresenta expressões relacionadas a um contexto conflituoso, como de fato é a questão racial no Brasil. *Discurso de vítima, luta verdadeira, soldado e luta antirracista* são alguns exemplos. Mais uma vez, ele se identifica como alguém negro que fala, assim como faz referência a um grupo negro que também tem desabafado e lutado para se opor a posições como a do deputado, e daqueles que concordam com ele, além de enfatizar que não se trata de um evento isolado, mas algo comum na vida, pois sempre existiram sujeitos que lutaram para conseguir seus direitos

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensarmos no uso da língua a partir de suas práticas sociais e nos discursos que podem emergir é deslocarmo-nos do senso comum. Os questionamentos sobre os usos da língua que são realizados em contextos sociais se tornam pertinentes para entendermos as relações hegemônicas as quais circundam as ações discursivas.

As amostras de discursos utilizadas nesse trabalho só foram dois exemplos de tantas práticas discursivas que ocorrem, diariamente, as quais muitas vezes perpetuam valores hegemônicos e excludentes. Contudo, os discursos também trazem marcas das identidades dos sujeitos, muitas vezes contraditórias, e quando contextualizados podem se tornar mais coerentes diante do contexto social.

Esse trabalho só apresenta algumas leituras possíveis de serem feitas sobre a polêmica da série *Sexo e as Negas*, quando consideramos além dos elementos linguísticos, do material – o texto, o lugar de quem fala e o contexto social que o envolve.

Nesse sentido, quando o linguista aplicado da contemporaneidade utiliza a ADC em sua pesquisa, ele está também preocupado em estudar questões da língua associadas ao sujeito e a sua atuação social através da língua. Diante dessa função do linguista aplicado, esse

trabalho visa desenhar um pouco, através de um exemplo de análise, a relação entre a LA e ADC nas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio – Apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p.7-17.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

ARRAES, Jarid. Grupo protesta contra série “Sexo e as Nêgas” e picha fachada da Globo; assista. **Revista Fórum**. 18 set. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/09/grupo-protesta-contraserie-sexo-e-nega-e-picha-fachada-da-globo-assista/>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

BIG Brother Brasil. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/bbb/blog-da-producao/index.html>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

BRASIL, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Portal Planalto da Presidência da República**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm>. Acesso em 24 dez. 2014.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2013. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira" e dá outras providências. **Planalto da Presidência da República**. Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 9 jan. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em 24 dez. 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Portal Planalto da Presidência da República**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 16 maio 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. In: FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 89-131.

FALABELLA E as Negas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC6ypp9EAqs9TouibmjLHO8Q>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61566294/Representacoes-Sociais-Cap-01-Jodelet#scribd>. Acesso em: 26 de dez. 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira, 2010.

KOGUT, Patrícia. Falabella trabalha em sinopse de série inspirada em ‘Sex and the city’. Patricia Kogut. **O Globo**. 08 mar. 2014. Disponível em: <http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/coluna/noticia/2014/03/falabella-trabalha-em-sinopse-de-serie-inspirada-em-sex-and-city.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.

LEON, Diego Ponce de. Programa Sexo e as negas estreia nesta terça sob denúncias de racismo: atrizes brasileiras do elenco comentam as acusações. **Correio Braziliense**. Diversão e arte. 16 set. 2014. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/09/16/interna_diversao_arte,447228/programa-sexo-e-as-negas-estrela-nesta-terca-sob-denuncias-de-racismo.shtml. Acesso em: 21 dez. 2014.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. Reflexos do “racismo à brasileira” na mídia. In: **Revista USP**, São Paulo (32): 56 – 65, dezembro/fevereiro, 1996 – 97.

LUCCHESI, Dante. Chave de Transcrição. **Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia**. Disponível em: http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf. Acesso em 28 dez. 2014.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas. SP: Mercado de Letras. 1996.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Laila. Ei Globo, eu não sou tuas nêgas. **Portal Geledés**. 03 set. 2014. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/ei-globo-nao-sou-tuas-negas/#axzz3NHWMB8qp>. Acesso em: 21 dez. 2014.

QUANDO um homem esfrega teoria na nossa cara: sobre Jean Wyllys e a mulher negra que ousa falar. **Portal Geledés**. 27 nov. 2014. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/quando-um-homem-esfrega-teoria-na-nossa-cara-sobre-jean-wyllys-e-mulher-negra-que-ousa-falar/#axzz3NHWMB8qp>. Acesso em: 23 dez. 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: Linguagem, Identidade e a Questão Ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMALHO, Viviane. RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SEXO e as Negas – episódio de terça-feira, dia 25/11/2014, na íntegra. **Globotv**. Globo. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/sexo-e-as-negas/v/sexo-e-as-negas-episodio-de-terca-feira-dia-25112014-na-integra/3790174/>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SEXO e as Negas. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/sexo-e-as-negas/noticias/tudo/8.html>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SEXY and the City. Disponível em: <<http://www.minhaserie.com.br/serie/214-sex-and-the-city>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 7-17.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 7-72.

Wyllys, Jean. Jean Wyllys fala sobre o seriado "Sexo e as Negas". **Falabella E as Negas**, YouTube, 17 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OkezQf1RRIU>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

ZURC, Junior. Desabafo de um irmão nosso: Junior Zurc. **Boicote Nacional ao programa "Sexo e as negas" da Rede Globo**, Facebook, em 6 dez. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=309541752568697&id=275631862626353&fref=nf>. Acesso em: 17 dez. 2014.